

Sarney quer só um partido do governo

Da sucursal de
BRASÍLIA

O presidente da Arena, senador José Sarney, afirmou ontem, após audiência com o presidente João Figueiredo que com a reformulação partidária "é desejável, e será o nosso esforço", que haja um só partido do governo, o qual poderia aglutinar em torno dele todas as forças democráticas, "consolidando assim a maioria que temos agora". Por uma vez, o líder Jarbas Passarinho que também se reuniu, com o presidente, juntamente com o deputado Nelson Marchezan, dizia que o "governo não tem ainda nenhuma decisão tomada em relação à reformulação partidária, nem tampouco resolveu se haverá um só ou mais partidos governistas".

Quando Passarinho terminava de fazer essas declarações, um dos porta-vozes do Palácio do Planalto, Alexandre Garcia, que ouvia um pouco atrás dos repórteres, completava, baixinho: "Perfeitíssimo, perfeitíssimo".

O senador José Sarney defendeu também a manutenção da sublegenda, frisando que no seu contexto do multipartidarismo democrático ainda se trata de um instrumento válido, "que agora servirá para evitar a ditadura partidária". Comentou Sarney que a sublegenda hoje "é odiosa porque o bipartidarismo e no regime da força ela serviu para acomodar tendências divergentes". Explicou ainda que vários países democráticos adotam a sublegenda, com função estabilizadora, e dessa forma ela poderá prevalecer no Brasil.

Sarney destacou que, a partir de agora, começará uma nova fase da reformulação parti-

dária, acrescentando que será discutido, pela Arena, uma nova proposta de doutrina democrática de centro, sobre cuja superestrutura deverá ser montado o novo partido do governo. Ele salientou que a nova agremiação não terá carga doutrinária sectária, pois as estruturas brasileiras estão se renovando e o partido precisa ser dinâmico: "O novo partido terá também conotações críticas, como em todo o Ocidente democrático".

Por sua vez, Jarbas Passarinho, entende que no momento, em relação à reformulação partidária, nenhuma decisão poderá ser tomada sem que haja, primeiro, a reabsorção dos anistiados na vida política nacional. Citou, por exemplo, divergências que se tornam públicas entre Leonel Brizola, Arraes e Ulysses Guimarães, acrescentando que será necessário, portanto, saber como se comportará o quadro político-partidário depois da reintegração desses anistiados.

Os dois líderes (Passarinho e Marchezan) receberam cópias de pesquisa realizada pelo Ibope, mas, segundo eles, não chegaram a examiná-la com o presidente. E Passarinho disse não entender que a preferência manifestada em favor do bipartidarismo seja um obstáculo para se alcançar a meta do pluripartidarismo.

APOIO

Já os deputados Homero Santos (MG) e Geraldo Guedes (PE), ambos da Arena, apoiaram, ontem, a tese do governador de Pernambuco Marco Maciel e do líder Nelson Marchezan, favorável à organização de pelo menos dois partidos governistas na reestruturação partidária. Ambos são contra a idéia do Arenão — o partido único situacionista.